

C. J. Tudor

Levaram Annie Thorne

Tradução
Victor Antunes

 Planeta

Os escritores são como os quebra-cabeças.
Precisamos de paciência, perseverança e, por
vezes, de alguém que apanhe peças soltas.

Para Neil, por me completar.

Prólogo

Mesmo antes de entrar na moradia, Gary apercebe-se de que aquilo é mau.

O cheiro repugnante e adocicado que se escapa pela porta aberta; o zunido das moscas que volteiam no corredor quente e peganhento e, se isso não fosse um indício suficiente de que há qualquer coisa de errado naquela casa, qualquer coisa de errado no pior sentido possível, então o silêncio vem confirmá-lo.

À entrada está estacionado um elegante *Fiat* branco; junto à porta, uma bicicleta encostada e, lá dentro, um par de galochas que alguém descalçou. Uma casa de família. Contudo, mesmo vazia, uma casa de família deixa perceber ecos de vida. Não se queda envolta num manto de silêncio pesado, sufocante e agoirento, como acontece com aquela casa.

Apesar disso, volta a chamar.

– Olá! Está aí alguém?

Cheryl levanta a mão e desfere algumas pancadas rápidas na porta aberta. Estava encostada quando chegaram, mas não fechada. Mais uma coisa que não bate certo. Arnhill não passava de uma pequena aldeia, mas as pessoas costumavam fechar as portas.

– Polícia! – grita ela.

Nada. Nem sombra de passos, um rangido, um sussurro. Gary deixa escapar um suspiro e apercebe-se de uma relutância supersticiosa que o impede de entrar. E não é só por causa do fedor rançoso da morte.

Há mais qualquer coisa. Uma sensação primitiva que parece ordenar-lhe que dê meia volta e se afaste imediatamente.

– Sargento?

Cheryl ergue os olhos para ele e fita-o com a sobrancelha fina arqueada, numa interrogação.

Baixa o olhar para a companheira de pouco mais de um metro e sessenta e menos de cinquenta quilos. Com mais de um metro e noventa e cento e vinte e cinco quilos, Gary parece o urso *Baloo* ao lado do frágil *Bambi* que é Cheryl. Pelo menos no aspecto. No que respeita à personalidade, basta dizer que Gary chora ao ver os filmes da Disney.

Com ar carrancudo, faz-lhe um breve sinal com a cabeça e entram em casa. São envolvidos pelo fedor intenso de um corpo em putrefacção. Gary engole em seco e tenta respirar pela boca, a desejar de alma e coração que tivesse sido outra pessoa – *qualquer outra pessoa* – a atender o telefonema. Cheryl contorce o rosto num esgar e tapa o nariz com a mão.

Aquelas pequenas moradias têm uma planta muito característica. Um corredor pequeno. Escadas do lado esquerdo. Sala de estar do lado direito, e ao fundo uma cozinha minúscula. Gary vira-se para a sala de estar e abre a porta com um empurrão.

Não era a primeira vez que via um cadáver. Um miúdo atropelado por um condutor que se pusera em fuga. Um adolescente estropiado por uma máquina agrícola. Horríveis, é claro. Absolutamente horríveis, é escusado dizer. Mas isto... Isto é mau, volta a pensar. Muito mau.

– Foda-se – murmura Cheryl, e Gary não teria dito melhor.

Tudo contido numa simples expletiva aterrada. *Foda-se!*

No meio da sala está o corpo de uma mulher, esparramado sobre um sofá de cabedal, já gasto, em frente de uma grande televisão de ecrã plano. O aparelho apresenta uma racha em forma de teia de aranha, em volta da qual se arrastam preguiçosas dezenas de varejeiras.

As restantes volteiam com ruído em torno da mulher. *Do corpo*, corrige-se Gary. Já não é uma pessoa. Não passa de um cadáver. Apenas um caso mais. Recompõe-te.

Apesar do inchaço da podridão, percebe que em vida devia ter sido uma mulher esguia, de pele clara, agora coberta de manchas e sulcada por veias verdes, como veios de mármore. Está bem vestida. Blusa de

xadrez, calças a condizer e botas de cabedal. Dizer a idade é difícil, sobretudo porque lhe falta grande parte do alto da cabeça. Bem, não está em falta. Há pedaços dela colados à parede, à estante e às almofadas.

Não restam muitas dúvidas sobre quem terá puxado o gatilho. A caçadeira continua no colo dela, presa nos dedos inchados. Gary avalia o que deve ter acontecido. O cano da arma metido na boca, gatilho premido, a bala sai um pouco para o lado esquerdo, mais danificado, o que faz sentido, uma vez que segura a arma com a mão direita.

Gary não passa de um sargento de uniforme e não trata de assuntos forenses, mas costuma ver a série *CSI*.

A decomposição deve ter sido bastante rápida. Faz muito calor dentro da pequena moradia, um calor sufocante, de facto. Lá fora, a temperatura anda pelos vinte e poucos graus, as janelas estão fechadas e, embora as cortinas estejam corridas, no interior deve rondar os trinta e tal. Já sente o suor a escorrer-lhe pelas costas e a humedecer-lhe as axilas. Cheryl, que nunca perde o seu ar fresco, enxuga a testa e está visivelmente incomodada.

– Merda. Mas que porcaria – diz numa voz cansada que lhe é pouco habitual.

Cheryl olha para o corpo sobre o sofá, sacode a cabeça e os seus olhos vagueiam pelo compartimento, os lábios cerrados numa expressão lúgubre. Gary sabe o que ela está a pensar. *Bela casa. Bom carro. Roupas caras. Mas nunca se sabe. Nunca se sabe o que vai lá dentro.*

Além do sofá de cabedal, a mobília consta apenas de uma pesada estante de carvalho, uma mesa baixa, de café, e a televisão. Gary olha outra vez para o aparelho, e interroga-se sobre a racha no ecrã e a razão pela qual as moscas se arrastam por cima dela. Avança alguns passos, a esmigalhar pedaços de vidro sob os pés, e inclina-se para a frente.

Mais perto, percebe a razão. O vidro rachado está coberto de sangue escuro e seco. Mais sangue correu do ecrã para o chão, onde por pouco não tinha pisado uma poça pegajosa que alastrara sobre as pranchas do soalho.

Cheryl aproxima-se e fica de pé, ao lado dele.

– O que é isso? É sangue?

Acodem-lhe à memória a bicicleta, as galochas, o silêncio.

– Temos de inspeccionar o resto da casa – diz.

Ela atira-lhe um olhar inquieto e acena.

A escada é íngreme, os degraus rangem e há mais rastos de sangue escuro. No alto, um patamar estreito conduz a dois quartos e a uma casa de banho muito pequena. Se possível, no patamar o calor é ainda mais intenso e o cheiro mais repugnante. Com um gesto, Gary indica a Cheryl que verifique a casa de banho. Por um instante, pensa que ela vai protestar. É evidente que o cheiro provém de um dos quartos, mas para variar ela deixa que ele assuma o papel de agente mais graduado e atravessa o patamar em passos cautelosos.

A sentir na boca um sabor metálico, Gary está defronte da porta do primeiro quarto, e abre-a lentamente.

É um quarto de mulher. Limpo, arrumado e vazio. A um canto está um roupeiro, a cómoda perto da janela, e a cama está coberta por uma colcha imaculada, de cor creme. Sobre a mesa-de-cabeceira, um candeeiro e uma fotografia com uma moldura de madeira muito simples. Gary aproxima-se e pega-lhe. É a fotografia de um rapaz de dez ou onze anos, pequeno, magro, de cabelos loiros revoltos e que sorri a mostrar os dentes. *Meu Deus*, dá por si a implorar, *Meu Deus, por favor, não*.

Com o coração ainda mais pesado, regressa ao corredor, onde encontra Cheryl, muito pálida e tensa.

– A casa de banho está vazia – diz, e Gary percebe que ela pensa o mesmo que ele.

Só falta um compartimento. Só mais uma porta para encontrar o grande prémio. Com um gesto colérico, Gary sacode uma mosca e teria respirado fundo se o fedor não o sufocasse. Dirige-se para o puxador da porta e abre-a com um empurrão.

Cheryl é demasiado resistente para vomitar, mas mesmo assim ouviu-lhe um arranco. O estômago de Gary contorce-se numa náusea que acaba por dominar.

Quando pensara que aquilo era mau, tinha-se enganado. É um pesadelo terrível.

O rapaz está deitado na cama, vestido com uma *T-shirt* de tamanho exagerado, calções largos e meias brancas, de desporto. O elástico das meias enterra-se na carne inchada das pernas.

Meias brancas, de um branco intenso, notou Gary sem querer. Uma brancura de cegar. Como um anúncio de detergente. Ou talvez assim pareçam porque tudo o resto é vermelho. Vermelho-escuro. Em laivos sobre a enorme *T-shirt*, esborratado sobre as almofadas e os lençóis. No lugar onde devia estar o rosto do rapaz, apenas uma pasta vermelha informe, as feições impossíveis de distinguir, a fervilhar sob uma massa de corpos negros que se agita febrilmente, varejeiras e moscardos que entram e saem da massa de carne destroçada.

Vem-lhe à memória o ecrã partido da televisão e a poça de sangue no chão, e de repente vê a cena. A cabeça do rapaz batida contra o ecrã e depois contra o chão até ficar irreconhecível, até não haver rosto.

Talvez seja esse o motivo, pensa, ao erguer os olhos para o outro vermelho. O vermelho mais óbvio. O vermelho impossível de não ver. Letras grandes rabiscadas na parede, por cima do corpo do rapaz:

NÃO É O MEU FILHO

Capítulo 1

Nunca volte atrás. É o que nos estão sempre a dizer. As coisas terão mudado. Não serão como te recordas. Deixa o passado no passado. É claro que esta última é mais fácil de dizer que de fazer. O passado tem o hábito de se repetir em nós. Como o cheiro a peixe podre.

Não quero voltar atrás. Não quero mesmo. Há coisas mais importantes na minha lista de desejos, tal como ser comida vivo por ratazanas ou participar numa dança folclórica. É essa a vontade que tenho de voltar a ver a merda do sítio onde cresci. Só que por vezes não há alternativa, excepto a alternativa errada.

É por isso que dou por mim a conduzir numa estrada sinuosa do Norte de Nottinghamshire, pouco passa das sete da manhã. Há muito tempo que não via esta estrada. Pensando bem, há muito tempo que não via as sete da manhã no relógio.

Há pouco trânsito. Sou ultrapassado apenas por dois automóveis, um deles a tocar a buzina (é sem dúvida a maneira de o condutor me indicar que lhe estou a impedir a condução à Lewis Hamilton para uma qualquer porcaria de emprego onde tem de chegar alguns minutos mais cedo). Tenho de lhe fazer justiça, conduzo devagar. O nariz encostado ao pára-brisas, as mãos agarradas ao volante até os nós dos dedos estarem brancos e salientes: devagar.

Não gosto de conduzir. Sempre que posso, evito. Ando a pé ou de autocarro, de comboio para viagens mais longas. Infelizmente, Arnhill não é servida por nenhuma das principais carreiras de autocarros

e a estação de comboios mais próxima fica a dezoito quilómetros. Ir de carro é a única opção. Como já disse, por vezes não há alternativa.

Faço sinal e saio da estrada principal para entrar numa teia de vias rurais ainda mais estreitas e traiçoeiras. De um lado e do outro estendem-se campos congestionados de castanho e verde-sujo, há porcos a farejar o ar em barracas de chapa ondulada, entremeadas por pequenas matas de decrépitos vidoeiros prateados. A Floresta de Sherwood, ou que resta dela. Hoje, para encontrar Robin Hood e João Pequeno, só nas tabuletas mal pintadas que anunciam os *pubs* degradados. Lá dentro, os homens que as frequentam são tipos alegres e bem-dispostos, e a única coisa que nos podem roubar são os dentes, se os olharmos com demasiada insistência.

Não é o *Norte profundo*. Nottinghamshire nem fica muito a norte – a menos para quem só conheça o circuito infernal da M25 – mas é um território plano e desprovido da cor e da vitalidade que se espera de uma paisagem campestre. Como se as minas que antes abundavam por aqui lhe tivessem sugado a vida por dentro.

Por fim, depois de muito tempo sem topar com qualquer coisa que se assemelhasse a civilização, nem um McDonald's, deparo-me com uma tabuleta decrépita e torcida do meu lado esquerdo: BEM-VINDO A ARNHILL.

Por baixo, um parvalhão eloquente tinha acrescentado: PARA SER FODIDO.

Arnhill não é uma povoação acolhedora. É fria, amarga e ensimesmada. Fecha-se sobre si e olha os visitantes com desconfiança. É ao mesmo tempo austera, conservadora e indiferente. O género de aldeia que nos sorri quando chegamos e cospe para o chão, enojada, quando nos vamos embora.

Com excepção de duas casas de quinta e de algumas antigas moradias de pedra nos arrabaldes, Arnhill não é encantadora nem pitoresca. Embora a mina tenha encerrado há perto de trinta anos, a sua herança está disseminada pela aldeia como o minério pelo solo. Não há casas cobertas de colmo nem cestos pendurados. As únicas coisas penduradas no exterior das casas são as cordas para estender roupa e uma ou outra bandeira de São Jorge.

As fiadas de casas geminadas de tijolos enegrecidos pela fuligem alinham-se ao longo da rua principal, onde sobrevive um *pub* decrépito, o Running Fox. Dantes havia mais dois, o Arnhill Arms e o The Bull, mas fecharam há muito tempo. No meu tempo, o proprietário do Fox, Gipsy, fazia vista grossa quando alguns de nós, garotos mais velhos, lá íamos beber. Ainda me recordo de emborcar três copos de meio litro de *Snake-bite* e da sensação que me provocava nas entranhas ao vomitar nos lavabos nojentos e de, ao levantar a cabeça, ver o dono de pé, de balde e esfregona em punho.

Na porta ao lado, o *takeaway* Wandering Dragon, que vendia peixe e batatas fritas, também não foi bafejado pelo progresso, nem por uma pintura nova e, estou pronto a apostar, por um novo menu. Há uma coisa em falta na minha recordação do conjunto: a pequena loja de esquina onde comprávamos sacos de rebuçados, *flying saucers* e barras *Wham*, já não existe. No seu lugar há agora um Sainsbury Local. Parece que nem mesmo Arnhill é imune aos avanços do progresso.

Com exceção disso, confirmam-se os meus piores receios. Nada mudou. Infelizmente, o lugar permanece tal qual como o recordava.

Continuo ao longo da rua principal, passo pelo parque infantil degradado e pelo pequeno jardim também votado ao abandono. No centro, ergue-se a estátua de um mineiro. Um monumento em memória dos mineiros mortos em 1949 no desastre da mina de carvão de Arnhill.

Já fora do centro da povoação, no cimo de uma colina baixa, vejo os portões da escola. Arnhill Academy, é como agora se chama. Os edifícios foram pintados de novo e o velho edifício inglês, do alto do qual um rapaz tinha caído, foi demolido e substituído por um auditório. Um cagalhão pode estar envolto em ouro, mas continua a ser um cagalhão. Já o devia saber.

Estaciono nas traseiras do edifício, no parque reservado ao pessoal, e apeio-me do meu velho *Golf* a cair de podre. Há mais dois automóveis estacionados, um *Corsa* encarnado e um velho *Saab*. Durante as férias de Verão, é raro as escolas estarem vazias. Os professores têm de elaborar os planos das aulas, organizar os painéis das salas de aulas e supervisionar as obras. E, por vezes, fazer entrevistas.

Fecho o carro e dirijo-me à recepção, na frente do edifício, a fazer o possível para não coxear. Hoje sinto dores na perna. Em parte por causa de ter conduzido, em parte por causa da tensão de aqui estar. Há quem tenha enxaquecas; eu tenho a mesma coisa, mas na perna doente. Devia usar a bengala. Mas detesto-a. Faz-me sentir um inválido. As pessoas olham-me com uma expressão de dó. A piedade devia estar reservada para quem a merece.

Com uma ligeira contracção de dor, subo os degraus até à porta principal. No alto da escada, pode ler-se numa placa brilhante. «Bom, melhor, excelente. Nunca pares. Até que o teu bom seja melhor e o melhor excelente.»

Mensagem de estímulo. Acode-me à memória a alternativa de Homer Simpson: «Miúdos, deram o vosso melhor e fracassaram estrondosamente. A lição é: nunca tentar.»

Primo o botão do intercomunicador que está ao pé da porta. Ouve-se um estalido e inclino-me para a frente para falar.

– Venho falar com o senhor Price.

Outro estalido, seguido de um guincho de interferência, e a fechadura abre-se com um zumbido. Esfrego a orelha e entro.

A primeira coisa que me atinge é o cheiro. Todas as escolas têm o seu odor próprio. Nas academias modernas é o desinfetante e o produto para limpar os ecrãs. Nas escolas onde se pagam propinas é o cheiro a giz, a soalhos de madeira e a dinheiro. A Academia de Arnhill cheira a hambúrgueres estragados, a desinfetante de sanitários e a hormonas.

– Bom dia.

Uma mulher de aspecto austero, com o cabelo grisalho curto e óculos, fita-me do outro lado do vidro da recepção.

A menina Grayson? Não pode ser. Já se deve ter reformado, não é? Até que a vejo. A verruga castanha protuberante no queixo, sempre com o mesmo pêlo negro. *Cristo!* É mesmo ela. Quer dizer que, durante todos aqueles anos em que a julguei tão velha como os dinossáurios ela devia ter o quê? Uns quarenta, não mais. A mesma idade que eu tenho agora.

– Venho falar com o senhor Price – repito. – Sou o Joe... o *senhor* Thorne.

Espero um vislumbre de reconhecimento. Nada. Mas já lá vai muito tempo, e por aquelas portas passou entretanto uma multidão de alunos. E eu já não sou o mesmo garoto escanzelado num uniforme demasiado grande que se escapulia a correr ao passar pela recepção para não a ouvir ladrar o meu nome e repreender-me por causa da fralda da camisa fora das calças e dos ténis que não respeitavam o regulamento da escola.

A menina Grayson não era má de todo. Era frequente ver alguns dos alunos mais fracos e tímidos no seu pequeno gabinete. Quando a enfermeira da escola não estava, punha-lhes pensos nos joelhos esfolados, deixava-os sentar e beber sumo enquanto esperavam por um professor, ou auxiliava-os a preencher impressos, qualquer coisa que os ajudasse a aliviar os tormentos do recreio. Um pequeno refúgio.

Mas mesmo assim eu tinha medo dela.

E percebo que ainda tenho. A menina Grayson solta um suspiro de maneira a dar-me a entender que estou a fazer-lhe perder tempo, além do meu tempo e do tempo da escola, e estende a mão para o telefone. Interrogo-me sobre a razão para ela estar ali hoje. Não faz parte do quadro docente. Mas não estou surpreendido. Quando era miúdo, nunca imaginava a menina Grayson *fora* da escola. Fazia parte da estrutura. Omnipresente.

– Senhor Price? – troveja para o telefone. – Tenho aqui um senhor Thorne para falar consigo. Sim. Está bem. Com certeza. – Pousa o auscultador. – Ele vem já.

– Ótimo. Muito obrigado.

Vira-se para o computador e não me presta mais atenção. Não me oferece chá nem café. E neste preciso momento todos os meus neurónios clamam por cafeína. Empoleiro-me numa cadeira de plástico e evito não parecer um aluno aflito que quer falar com o director. Sinto o joelho a latejar. Entrecruzo os dedos por cima dele e massajo sub-repticiamente a articulação.

Pela janela entrevejo alguns garotos sem uniforme que fazem uma algazarra ao pé do portão da escola. Agitam latas de *Red Bull* e riem por causa de qualquer coisa que estão a ver nos *smartphones*. Sou avassalado por uma sensação de *déjà vu*. Tenho outra vez quinze anos, deambulo junto daqueles portões a empunhar uma garrafa de *Panda Cola* e... o que

nos atraía e fazia rir antes de haver *smartphones*? Exemplares de *Smash Hits* e revistas pornográficas roubadas, creio eu.

Desvio os olhos e fito as minhas botas. O cabedal está um pouco esfolado. Devia tê-las engraxado. *Preciso* mesmo de um café. Estou quase a ceder e vou pedir um maldito café quando ouço o ranger de uns sapatos sobre o linóleo e as portas duplas que dão para o corredor principal se escancaram.

– Joseph Thorne?

Levanto-me. Harry Price é tudo quanto esperava, e menos do que isso. Um homem magro na casa dos cinquenta, de ar angustiado, com um fato mal feito e calçado com sapatos-luva. O cabelo grisalho e ralo está penteado para trás e tem no rosto a expressão de quem está sempre à espera de receber notícias desagradáveis. Paira em torno dele um ar de resignação fatigada, como o cheiro de uma loção de barba barata.

Sorri. Um sorriso retorcido e amarelo, da nicotina. Faz-me recordar que não fumei um cigarro desde que saí de Manchester. Isso, e a carência de cafeína, dão-me vontade de rilhar os dentes até se desfazerem.

Em vez disso, o que faço é estender a mão e exibir um sorriso que espero seja agradável.

– Muito prazer.

Percebo que me avalia num relance. Sou mais alto do que ele uns cinco ou seis centímetros. Bem barbeado. Um fato caro quando era novo, e de bom corte. Cabelo escuro, já com algumas madeixas grisalhas. Olhos escuros, um tanto raiados de sangue. Costumam dizer-me que tenho cara de pessoa honesta. O que mostra como sabem pouco.

Aperta-me a mão, que sacode com firmeza.

– O meu gabinete é por aqui.

Ajeito a sacola no ombro e esforço-me por não coxear enquanto sigo Harry para o gabinete. Está na hora do espectáculo.



– A carta de recomendação do seu antigo director é excelente.

Não é para admirar. Fui eu que a escrevi.

– Muito obrigado.

– Na verdade, tudo isto é impressionante.

As aldrabices são uma das minhas especialidades.

– Mas...

Cá está.

– Passou-se muito tempo desde o seu último emprego, mais de doze meses.

Estendo a mão para o deslavado café com leite que a menina Grayson por fim pousou com ruído sobre a secretária, à minha frente. Bebo um gole e disfarço uma careta.

– Sim, foi intencional. Resolvi tirar um ano sabático. Ensino há quinze anos. Era o momento de recarregar as baterias. De pensar no futuro. De decidir o que fazer em seguida.

– Importa-se que lhe pergunte o que fez nesse ano sabático? O seu currículo é um tanto vago.

– Dei explicações. Fiz algum trabalho comunitário. Leccionei algum tempo no estrangeiro.

– A sério? Onde?

– No Botswana.

– No Botswana? Por que raio se foi lembrar disso? Creio que nem seria capaz de o apontar no mapa.

– É altamente recomendável.

– E imaginativo.

– Não foi altruísta. O tempo lá é melhor.

Ambos rimos.

– E agora quer voltar a leccionar a tempo inteiro?

– É verdade, estou pronto para o próximo patamar da minha carreira.

– Bem, a minha pergunta seguinte é: por que razão quer trabalhar aqui, na Arnhill Academy? Considerando o seu currículo, presumo que tenha hipótese de fazer escolhas.

Segundo o meu currículo, já devia ter ganho o Prémio Nobel da Paz.

– Bem – respondo –, eu sou de cá. Cresci em Arnhill. Gostaria de dar algo em troca à comunidade.

Parece pouco à vontade, a remexer os papéis sobre a secretária.

– Está ao corrente das circunstâncias que deram origem a esta vaga?

– Li a notícia.
– E qual é a sua opinião?
– É trágico. Terrível. Mas uma tragédia não deve qualificar toda uma escola.

– Fico satisfeito por ouvi-lo dizer isso.
E eu fico satisfeito por ter ensaiado a resposta.
– No entanto – acrescento – parece-me que ainda se encontram todos bastante transtornados.

– A senhora Morton era uma professora muito popular.
– Tenho a certeza que sim.
– Quanto a Ben, era um aluno muito promissor.

Sinto um ligeiro aperto na garganta. Tenho-me preparado para ser insensível, mas por vezes não consigo. Uma vida cheia de promessas. Mas a vida é isso mesmo. Uma promessa. Nada de garantido. Todos gostamos de acreditar que temos o nosso lugar no futuro, mas é apenas uma reserva. A vida pode ser cancelada a qualquer momento, sem devolução de custos, apesar da jornada já feita. Mesmo que mal se tenha tido tempo para apreciar a paisagem.

Como Ben. Como a minha irmã.

Percebo que Harry continua a falar.

– Como é evidente, a situação é delicada. Fizeram-se muitas perguntas. Como foi possível que a escola não se tivesse apercebido que uma das professoras era mentalmente desequilibrada? Que os alunos estavam em risco?

– Compreendo.

O que compreendo é que Harry está mais preocupado com a sua posição e com a escola do que com o infeliz Benjamin Morton, que ficou com a cara desfeita pela pessoa que o devia proteger.

– O que quero dizer é que tenho de ser cauteloso com a pessoa que escolho para ocupar o lugar. Os pais têm de se sentir seguros.

– Claro. E compreendo se tiver outro candidato melhor...

– Não é isso que estou a dizer.

Não tem. Tenho a certeza absoluta. E eu sou um bom professor (quase sempre). A verdade é que a Arnhill Academy é um buraco de merda. Não satisfaz os critérios. É mal vista. E ele sabe. E eu sei, encontrar um bom

professor para trabalhar aqui, em especial nas «circunstâncias» actuais, é mais difícil do que encontrar um urso que não cague no bosque.

Resolvo insistir no assunto.

– Presumo que não se importará se eu for honesto?

É muito bom de dizer quando não se tem a intenção de ser honesto.

– Sei que a Arnhill Academy tem problemas. É por isso que quero trabalhar cá. Não estou à espera de facilidades. Procuo um desafio. Conheço estes garotos, pois fui um deles. Conheço a comunidade. Sei com quem e com quem tenho de tratar. Não me assusta. De facto, há-de descobrir que poucas coisas me assustam.

Percebo que o tenho na mão. Sou bom nas entrevistas. Sei o que as pessoas querem ouvir. Mais importante ainda: percebo quando estão desesperadas.

Harry reclinava-se na cadeira.

– Bem, creio que não tenho mais nada para lhe perguntar.

– Muito bem. Foi uma reunião agradável...

– Oh, afinal ainda há uma coisa.

Mas que porra...

Sorri.

– Quando pode começar?